

Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo¹

Jane Felipe*

Bianca Salazar Guizzo**

Resumo: este artigo tem como objetivo discutir o que as propagandas impressas, entendidas aqui como importantes artefatos culturais, veiculam e de que forma têm afetado a construção das identidades infantis, especialmente em relação ao gênero e à sexualidade. Para tanto, apoiamos-nos na perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, tendo como marco teórico a abordagem pós-estruturalista de análise, em especial as análises advindas das contribuições de Michel Foucault sobre o governo dos corpos.

Palavras-chave: Infância, relações de gênero, sexualidade.

Abstract: What does printed advertising, as significant cultural artefact do? In which ways advertising has been influencing children's identities construction, specially gendered and sexual identities? These are some of the questions the current article aims to discuss, based on Cultural Studies and Feminist Studies, in an post-structuralist approach (with special help of Michel Foucault's bodies government concept).

Key-words: Childhood, gender relationships, sexuality.

Situando a temática

Este artigo apresenta alguns dos primeiros resultados da pesquisa intitulada "Infância, gênero e sexualidade: a 'pedofilização' da sociedade e o consumo dos corpos infantis"², que tem por objetivos examinar materiais didáticos e paradi-

* Professora da área de Educação Infantil na Faculdade de Educação da UFRGS. Integrante do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) e do GEIN (Grupo de Estudos em Educação Infantil). jane@edu.ufrgs.br

** Licenciada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil. Mestranda em Educação no PPGEDU/UFRGS e integrante do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero).

1. Parte deste texto foi apresentado no 14º COLE, no Seminário do V Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura, realizado na Unicamp (julho/2003), com o título *Discutindo a "pedofilização" da sociedade e o consumo dos corpos infantis*.
2. A pesquisa coordenada pela Profa. Jane Felipe vem sendo desenvolvida desde agosto de 2002 e conta também com a participação de Graciema de Fátima da Rosa e Judite Guerra, ambas alunas do Curso de Mestrado do PPGEDU/UFRGS.

dáticos, além de outros artefatos culturais voltados para as crianças, tais como: brinquedos, filmes, propagandas, programas de TV, discutindo o conceito de infância articulado às questões de gênero e sexualidade.

Entendemos ser de suma importância problematizarmos tais conceitos, especialmente junto aos cursos de formação de professoras/es e demais profissionais que atuam na educação infantil, pois, muitas vezes, as concepções de criança, infância e sua respectiva educação estão pautadas em uma perspectiva que privilegia apenas os aspectos motores, cognitivos e afetivos do desenvolvimento.

Nos limites deste texto abordaremos as propagandas impressas, entendidas aqui como importantes artefatos culturais. Pretendemos discutir quais as representações que tais propagandas veiculam, que efeitos de verdade produzem e como têm afetado a construção das identidades infantis, especialmente em relação ao gênero e à sexualidade. Para tanto, apoiamo-nos na perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, tendo como marco teórico a abordagem pós-estruturalista de análise, em especial as análises advindas das contribuições de Michel Foucault (1992; 1993) sobre o governo dos corpos.

As significativas transformações – políticas, econômicas, sociais, culturais – nas últimas décadas, em combinação com o acesso infantil a informações sobre o mundo adulto, e especialmente com o surgimento de novas tecnologias, como os meios de comunicação de massa e a Internet, têm afetado drasticamente as vivências infantis, acarretando uma crise da infância contemporânea (STEINBERG, 1997; POSTMAN, 1999; CORAZZA, 2002). É possível verificar que a representação de pureza e ingenuidade, suscitada pelas imagens infantis veiculadas pela mídia, tem sido substituída por outras extremamente erotizadas, principalmente em relação às meninas (WALKERDINE, 1998; 1999; FELIPE, 1999; 2002; 2003).

Tal processo, que chamamos aqui de “pedofilização” da sociedade, merece ser examinado com maior atenção, na medida em que as crianças têm sido alvo de um forte apelo comercial, sendo descobertas como consumidoras e, ao mesmo tempo, como objetos a serem consumidos.

Shirley Steinberg (1997; 2001) chama atenção para o fato de as crianças terem sido descobertas como consumidoras em potencial a partir da década de 50 do século XX, com o surgimento de novas tecnologias produzidas após a Segunda Guerra Mundial. Desde então uma série de produtos têm sido direcionados para elas nos mais variados segmentos (indústria de brinquedos e entretenimentos em geral, vestuário, calçados, acessórios, produtos de higiene e limpeza – fraldas, cremes, xampus –, alimentos, móveis, revistas e livros, dentre outros). Além disso, é possível observar que os espaços têm sido planejados de modo a contemplar esse segmento da população (veja-se, por exemplo, os supermercados e *shoppings*, que já dispõem de um lugar específico para as crianças ficarem enquanto os pais vão às compras).

Dessa forma, para compreendermos os processos educacionais do final do século XX e início deste, torna-se fundamental examinarmos não somente a educação que se dá dentro das instituições escolares como também aquela que se desenvolve a partir de outros locais onde o conhecimento é produzido e veiculado.

Delineando algumas ferramentas conceituais

O conceito de infância concebido na atualidade passou por um longo processo de construção e elaboração, a partir de inúmeras teorias de diferentes campos do conhecimento, especialmente a partir dos séculos XVII e XVIII. Várias compreensões foram-se delineando a partir de então, tanto na religião, quanto na área médica, psicológica, jurídica, pedagógica e, mais recentemente, nas áreas da antropologia e das ciências sociais, de modo que hoje o conceito de infância já não corresponde a uma categoria estável, “natural” e homogênea (BUJES, 2002). Sendo assim, podemos falar que existem inúmeras infâncias que estão em constante processo de ressignificação/transformação. Seus significados podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero, a cultura em que as crianças estão inseridas.

Trataremos aqui dos discursos que estão presentes na mídia (especialmente nas propagandas impressas endereçadas ao público infanto-juvenil) e que inúmeras vezes acabam por subjetivar a formação das identidades de meninos e meninas.

A mídia, compreendida como qualquer dispositivo (televisão, propagandas, livros, revistas, etc.) que possa estar relacionado aos processos de construção de idéias, valores e comportamentos, pode ser incluída naquilo que chamamos de Pedagogias Culturais (STEINBERG, 1997). Ela constantemente veicula discursos que podem produzir efeitos de verdade no comportamento não só das crianças, como também dos adultos, de uma maneira geral. Rosa Fischer (2001, p.16) argumenta que a televisão e, de modo mais abrangente, a mídia, apresenta-se como “um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero”.

O conceito de gênero, por sua vez, surgiu para se contrapor à idéia de uma essência (masculina ou feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, lingüística e socialmente determinadas. A constituição de cada pessoa deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida em diferentes espaços e tempos (FELIPE, 1998).

Além disso, o conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais, em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, também estão imbricadas na construção das relações de gênero (LOURO, 1997; 1999).

Algumas vezes, gênero tem sido utilizado como sinônimo de papéis. Entretanto, esse conceito não deve ser visto apenas como se referindo à construção de papéis masculinos e/ou femininos, uma vez que a idéia de papéis remete-nos às regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que define seus comportamentos, roupas, atitudes, etc. Sendo assim, segundo Louro (1997), ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as feminilidades e as masculinidades, bem como as complexas redes de poder que constituem hierarquias entre os gêneros.

Com relação à sexualidade, podemos dizer que freqüentemente ela tem sido colocada como central à nossa existência, por meio de um discurso universal que produz efeitos de verdade. Além disso, ela tem-se mostrado permanentemente como alvo de fiscalização e controle por parte das escolas, das famílias e até mesmo da mídia. Conforme observa Weeks (1999), embora a sexualidade tenha como suporte um corpo biológico, os sentidos que lhes são atribuídos pela sociedade variam de acordo com o contexto histórico, político, cultural.

Dentre os temas mais discutidos hoje, diretamente vinculados à sexualidade, está a pedofilia. Vários casos dessa prática têm sido amplamente divulgados pela imprensa. Escândalos proliferam, especialmente após o advento da internet, tendo como protagonistas padres, educadores, médicos renomados, artistas, diretores de cinema e tantos outros, anônimos.

Cabe ainda lembrar que o conceito de pedofilia é bastante amplo, podendo ser caracterizado por práticas sádicas com crianças ou até mesmo pela contemplação de fotos sensuais de meninas e adolescentes. No campo da medicina e psicologia há divergências quanto à forma de classificação e quanto às estratégias de combate à pedofilia. No entanto, não é nossa intenção discutirmos a pedofilia a partir desses aspectos. O que nos interessa aqui é destacar que, apesar de ser concebida nos dias atuais como uma forma de doença por parte de quem exercita tais práticas, na sua origem grega, a pedofilia remetia à idéia de amor às crianças (composta pelo substantivo grego *pais* = criança e pelo verbo *phileo* = amar. *Paidophilos* = aquele que ama as crianças; *paidophilès* = aquele que ama os meninos). Caberia, então, perguntar quais foram as condições que possibilitaram tais mudanças, fazendo com que determinadas práticas passassem a ser consideradas impróprias, sendo alvo de controle por parte das autoridades médicas, religiosas e jurídicas.

A tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental, pois, até meados do século XVII, meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todos os seus aspectos. Em outras sociedades, como na Grécia antiga, a relação sexual entre adultos e jovens podia ser entendida como fazendo parte de um processo pedagógico. Luiz Mott (1989, p.33) destaca que, ao considerarmos a criança como um ser inocente e indefeso, “aproximá-la dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza – a dessexualização da infân-

cia e adolescência impõe-se como um valor humano fundamental da civilização judaico-cristã". O autor observa que, dentre as práticas sexuais mais repelidas pela sociedade ocidental contemporânea, estão a pedofilia e a pederastia (também chamada de efebofilia³), que consiste na relação sexual de adulto com adolescente.

Foucault (1993) observa que mecanismos específicos de conhecimento e poder centrados no sexo se conjugaram, desde o século XVIII, através de uma variedade de práticas sociais e técnicas de poder. Dessa forma, a sexualidade de mulheres e crianças, o controle do comportamento procriativo e a demarcação de perversões sexuais, vistas somente sob a ótica de patologia individual, produziram, ao longo do século XIX, quatro figuras submetidas à observação e ao controle social, inventadas no interior de discursos reguladores: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal que utiliza formas artificiais de controle da natalidade e o "pervertido", especialmente o homossexual.

É preciso considerar, porém, que a definição do que deva ser considerado perversão, anormal, abjeto, depende muito do marco de referência de uma determinada cultura, seja em nome da religião, da boa e adequada educação, etc. Como refere Camphausen (2001), as sociedades vão mudando de geração em geração também no que diz respeito aos costumes e moralidades sexuais⁴.

Assim, o conhecimento produzido sobre a infância a partir do século XVIII, suas características e necessidades, foi consolidando aos poucos a idéia da criança como sujeito de direitos, merecedora de dignidade e respeito, devendo ser preservada em sua integridade física e emocional. No século XIX foram criadas várias leis para garantir proteção e bem-estar à infância, implicando um maior controle do Estado, inclusive em relação à sexualidade infanto-juvenil. Passou-se, então, da indiferença para com os abusos e práticas sexuais envolvendo crianças, durante vários séculos, à vigilância constante da sexualidade infantil, bem como de outras sexualidades, vistas a partir de então como potencialmente doentias e perigosas.

Segundo Landini (2000), uma das principais preocupações relacionadas à sexualidade, atualmente, refere-se ao uso e à exploração sexual de crianças, em suas mais diversas formas: pornografia, prostituição, estupro, incesto, etc. Esses temas apresentam-se, portanto, como um importante desafio às instâncias de produção de saber, bem como aos responsáveis pela elaboração e cumprimento das leis em

3. O termo "efebo", surgiu entre os gregos para designar o jovem do sexo masculino que era iniciado na vida sexual e social por um homem mais velho. O casamento heterossexual tinha apenas efeitos práticos, uma vez que a relação amorosa considerada mais autêntica se dava entre rapazes e homens mais velhos.

4. Camphausen (2001, p.256) considera perverso aquilo que uma pessoa faz a outra sem seu consentimento. "No contexto erótico/sexual podem ser qualificadas como perversas a violação, a tortura, a clitoridectomia e todas as formas de sadismo e incesto em que se força uma pessoa ou animal sem seu consentimento".

defesa da infância e da juventude, pois, como sabemos, em vários países, incluindo o Brasil, onde existem bolsões de miséria, muitas famílias costumam oferecer suas crianças, especialmente as meninas, em troca de algum dinheiro.

Portanto, as práticas sexuais entre crianças e adultos foram/são toleradas e até mesmo estimuladas.

Sobre o corpo e seus investimentos

Nas mais diferentes culturas, ao longo dos tempos, o corpo tem sido pensado, construído, investido, produzido de diversas formas. Segundo Denise Sant'Anna (2000, p.50), o corpo sempre foi alvo de investimentos e transformações. “Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história”. O corpo está sempre em processo. Vários campos do conhecimento têm tomado para si, através de seus *experts*, a tarefa de falar sobre ele, descrevê-lo, conceituá-lo, atribuir-lhe sentido, ditar regras de modo a normatizá-lo, subjetivá-lo.

Também não podemos deixar de considerar que o corpo tem sido dividido e demarcado através das expectativas que se colocam sobre ele, conferindo-lhe maior ou menor *status*, especialmente quando se trata de defini-lo e situá-lo em função do sexo. Corpos masculinos e femininos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma. Há uma tendência a hierarquizá-los, a partir de suas diferenciações mais visíveis e invisíveis. Em nossa cultura os corpos constituem-se no abrigo de nossas identidades (de gênero, sexuais e de raça). Desde muito cedo, até mesmo antes de nascermos, somos investidos de inúmeras expectativas, em função de nosso sexo – meninos ou meninas – e da nossa condição social, dentre tantas outras. Talvez não seja exagero afirmar que nossas identidades (de gênero, sexuais, raciais) vão-se delineando, mesmo antes de nascermos, a partir das inúmeras expectativas que são em nós depositadas.

O corpo infantil vem sendo alvo de constantes e acelerados investimentos. Com o surgimento dos veículos de comunicação de massa, em especial a TV, as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores e a cada dia são alvos constantes de propagandas. Ao mesmo tempo em que elas têm sido vistas como veículo de consumo, é cada vez mais presente a idéia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de “pedofilização” generalizada da sociedade. Tatiana Landini (2000, p.29) chama atenção para o fato de haver uma “erótica infantil”, isto é, uma erotização da imagem da criança, amplamente veiculada pela mídia. “Não é difícil encontrar propagandas e anúncios onde a criança é mostrada em pose sensual ou em um contexto de sedução”. Os exemplos a seguir mostram bem essa idéia. Trata-se de uma série de propagandas impressas, de uma famosa marca de sandálias de plástico, que foram veiculadas em diversas

revistas – *Caras*, *Cláudia*, *Capricho* – nos meses de novembro e dezembro de 2002, para o verão de 2003. As propagandas foram protagonizadas por meninas (pré-adolescentes), porém os seus rostos foram proposadamente substituídos por rostos de bonecas. Acreditamos que essa estratégia utilizada pela agência de propaganda, muito além de caracterizar simplesmente as mudanças corporais e comportamentais da menina ao entrar na puberdade, estabelecendo assim um misto de ingenuidade e sedução, tenha sido também uma forma de se preservar de possíveis acusações, na medida em que tais propagandas, de certa forma, podem estimular práticas de pedofilia.

Cena 1

A imagem mostra um corpo de menina com um rosto de boneca. A menina é branca, de cabelos longos e ruivos, bem maquiada, ressaltando seus olhos verdes. Ela usa brincos grandes e veste uma saída de praia rendada de crochê, combinando com a parte de cima do biquine. Ela praticamente não tem seios. A menina-boneca usa uma sandália alta de plástico na cor azul, pernas jogadas de forma displicente para o lado. A pose que ela faz, quase deitada no chão – apoiada apenas pelos cotovelos – e o olhar dão um tom de ousadia e sensualidade, mostrando que, apesar do seu corpo frágil de menina, há ali um grande potencial erótico. A frase que “amarra” a cena diz: “*A menina troca a boneca de plástico por uma sandália e o papai nunca mais dorme tranqüilo*”.

Tal frase faz alusão à troca de interesses da menina quando esta entra na puberdade. As brincadeiras e os brinquedos dão lugar a outras coisas consideradas próprias da idade adulta, que aos poucos começam a se esboçar. Um dos interesses mais comuns a partir de então é o namoro, com a descoberta da sexualidade, agora em novos termos. A frase também pode sugerir uma relação incestuosa entre pai e filha (não necessariamente o incesto na sua concretude), uma vez que, em geral, os homens são extremamente ciumentos em se tratando de suas próprias filhas. Valerie Walkerdine (1999, p.85) observa que “a posição da cultura popular, que admite que as garotinhas possam ser consideradas pequenas mulheres sexualizadas, oferece um espaço no qual as projeções adultas encontram a possibilidade para constituir as meninas pequenas como Outro”.

A história da humanidade, nos seus mais diversos países e culturas, está repleta de situações sexuais envolvendo adultos e crianças. Tais práticas, que sinalizam uma espécie de encantamento do adulto pela infância e juventude, tem ganhado cada vez mais espaço nas sociedades ocidentais, tornando-se, inclusive, uma fonte rentável de mercado.

Músicas de todas as épocas e estilos, poesias, crônicas⁵, filmes, em alguma medida, também exaltam este fascínio pelas meninas, vistas e representadas como

5. Ver, por exemplo, a crônica *Para uma menina com uma flor*, de Vinícius de Moraes (1966).

um misto de ingenuidade e sedução (WALKERDINE, 1998). No Brasil, a obra de Nelson Rodrigues está repleta de situações semelhantes, envolvendo a temática do incesto e o encantamento por jovens garotas. Vejam-se também minisséries exibidas na TV, como “Engraçadinha” e “Presença de Anita”. O corpo jovem é proclamado como algo a ser desejado, perseguido, minuciosamente investido.

Cena 2

“Conforme o plástico vai tomando forma, a inocência vai saindo de fininho”. Esta é a frase que define a imagem de outra menina-boneca: olhos azuis, cabelos longos castanhos claros, sentada de pernas abertas, levemente inclinada para a frente, vestida com um short jeans com alguns botões abertos (deixando ver uma parte da calcinha branca), uma blusa tomara-que-caia bem colorida, formada de fitas. Ela está usando uma sandália rosa de salto alto do tipo anabela.

A idéia que reforça aqui é afirmar que, ao entrar na puberdade, a menina vai perdendo as características infantis – leia-se, a inocência –, dando lugar ou incorporando outros jeitos de ser mulher. Tais discursos que se repetem produzem efeitos de verdade, de modo a propor qual deve ser o melhor jeito de se comportar, de se vestir, de falar, de exercer a sexualidade. Walkerdine (1999, p.84) chama atenção para o fato de que essa idéia da pequena sedutora, veiculada amplamente pela publicidade, “é um fenômeno que carrega tanto o desejo sexual adulto quanto as fantasias altamente complexas da própria menina”. Somos subjetivados pelo que vemos e ouvimos. Ruth Sabat (1999) lembra que as imagens estão carregadas de sentidos, sendo, portanto, educativas, na medida em que nos ensinam como devemos agir, que hábitos podemos cultivar, o que é possível desejar.

Cena 3

Sentada no chão e de pernas para cima, com as mãos apoiadas para trás, a menina-boneca branca, loura e de olhos azuis, veste uma sainha florida – deixando mostrar a calcinha branca – e um top lilás transparente. A sandália de plástico é baixa e da cor verde. A frase que traduz a cena diz: “*Antes de apelar para o silicone, tente o plástico*”.

O apelo às novas tecnologias para embelezamento do corpo está aqui fortemente sugerida, não se limitando apenas à utilização da sandália. A ampla utilização do silicone tem sido um importante exemplo desse fenômeno de montagem do corpo, de modo a torná-lo um projeto e não simplesmente uma herança, como nos lembra Edvaldo Couto (2000). Para Mary Del Priore (2000, p.96), a construção social de uma identidade feminina está calcada, nos dias atuais, “quase que exclusivamente na montagem e escultura desse novo corpo... um corpo cirúrgico, esculpido, fabricado e produzido, corpo que é o centro das atenções e fetiche de consumo”. Tal preocupação tem atingido não só as mulheres, mas também as

meninas, pois é comum observarmos em suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência. Elas freqüentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos entre as amigas (ficar dois meses sem tomar refrigerantes, por exemplo), tudo em nome da beleza. Se observamos as propagandas de brinquedos dirigidas às meninas, também veremos que elas investem de forma importante na idéia de cultivo à beleza como algo inerente ao feminino, aliada sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca Barbie, Susi ou Polly, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como produtos de maquiagem, roupas e calçados, perfumes, etc, na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como uma “essência” feminina (FELIPE, 1999).

Cena 4

“Os homens que inventaram o plástico acabaram vítimas da própria invenção”. Trata-se, desta vez, de uma menina-boneca branca, de cabelos e olhos castanhos escuros. Seus olhos, levemente puxados, lhe dão um tom oriental. Ela está de pernas cruzadas, de modo a aparecer a calcinha branca. Ela veste uma saída de praia rendada e um top que deixa ver parte do minúsculo seio. A sandália de plástico é branca de salto anabela.

É interessante observar o quanto as frases estão pautadas pela figura masculina. Os homens servem de referência, não só no campo da ciência e tecnologia (afinal, “eles” criaram o plástico), mas também são colocados como parâmetro, quando se trata da sexualidade. Neste caso, a frase sugere o quanto os homens estão à mercê da sedução feminina, especialmente quando se trata de jovens garotas que, com seus corpos frágeis em transformação, invocam um misto de inocência e malícia, como sugerem as imagens. É possível notar que, na maioria das propagandas aqui analisadas, as meninas estão com calcinhas à mostra, curiosamente todas da cor branca, provavelmente remetendo à idéia de inocência e pureza, atribuídas à infância. No entanto, mostrar essa peça íntima do vestuário feminino (em especial a partir de certa idade) é visto como algo extremamente erótico na nossa cultura, podendo ser interpretado inclusive como sinal de disponibilidade.

Cena 5

Da série de propagandas, esta é a única menina-boneca negra, de olhos azuis e cabelos escuros esticados, possui nariz e boca de traços afilados, dando assim um tom de branquidade ao seu corpo. Negra, sim, mas nem tanto. Suas roupas são rústicas, há um colar também em tons rústicos com uma figa preta pendurada. Ela é a única da série que está com as pernas mais abertas, calcinha à mostra, quase de frente para o leitor/espectador. A frase que arremata a cena é a seguinte: “*Feitas de plástico injetado. Injetado de segundas intenções*”.

Pode-se notar também que, dentre todas as frases, esta é a única mais direta, remetendo à idéia de uma sexualidade não apenas insinuada, mas explícita. De todas as meninas, ela é a única que está numa posição mais ousada (de pernas abertas para o leitor). É interessante observar o quanto as imagens de mulheres negras veiculadas pela publicidade sugerem um maior apelo à sexualidade, insinuando a representação de que elas são mais disponíveis e que possuem uma sexualidade mais desenfreada (SABAT, 1999). Curioso notar também que esta é a única menina-boneca com adereços rústicos, reforçando assim a idéia de que mulheres negras têm algo de mais “primitivo” (BELL HOOKS, 1995). Como podemos ver, as imagens não são inocentes e neutras, pois veiculam representações de gênero, raça/etnia, geração, produzindo identidades.

○ que mais se aprende com as sandálias de plástico?

Ao afirmarmos o caráter relacional e múltiplo das identidades, sua fluidez e sua inconstância, estamos sugerindo uma abordagem muito mais complexa. Articulado-se em variadas combinações, as identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade são – todas – constituídas por (e constituintes de) redes de poder. Não há identidade fora do poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. As identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades *se fazem* em meio a relações políticas (LOURO, 2000, p.68).

As representações sobre sexualidade, corpo e gênero, veiculadas em especial pela mídia, têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias. Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, *outdoors*, e, mais recentemente, com o uso da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas, como apontou Valerie Walkerdine (1999). Segundo ela, garotinhas atraentes e altamente erotizadas têm sido visibilizadas em propagandas que refletem maior similaridade com imagens provenientes da pornografia infantil do que com imagens “psicoeducacionais”.

A publicidade aqui analisada remete a determinados padrões de beleza amplamente valorizados nos nossos dias: o corpo jovem, magro, branco e sensual. As meninas-bonecas são visivelmente muito magras, quase todas brancas, de olhos claros. Mesmo a boneca negra tem traços de branquidade, reforçando assim um determinado tipo físico muito valorizado na nossa sociedade.

Outro aspecto a ser considerado reside na contradição que se estabelece em nossa cultura, pois, ao mesmo tempo em que são produzidas imagens erotizadas das crianças, veiculam-se discursos e campanhas de moralização em que se condena qualquer tipo de relação sexual envolvendo um adulto e uma criança, considerando-se esta a forma mais terrível de violência sexual. Walkerdine (1999, p.82) faz uma interessante provocação: até que ponto “poderíamos concluir que as representações populares de garotas pequenas erotizadas constituem a teoria e o abuso sexual de crianças, a prática?”

Referências bibliográficas

- BUJES, Maria Isabel E. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CAMPHAUSEN, Rufus. *Diccionario de la sexualidad sagrada*. Barcelona: José de Olañeta, Editor, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Infância e Educação: era uma vez... quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.
- COUTO, Edvaldo. *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 2000.
- DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Ed. SENEC São Paulo, 2000.
- FELIPE, Jane. “Cachorras”, “tigrões” e outros “bichos”: problematizando gênero e sexualidade no contexto escolar. Secretaria Municipal de Educação de Alvorada, 2002.
- FELIPE, Jane. Construindo identidades sexuais na Educação Infantil. Porto Alegre: *Páteo*, n. 7, p. 56-58, nov.98/jan. 99.
- FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação. In: SILVA, L. H. (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FISCHER, Rosa M. B. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- LANDINI, Tatiana Savóia. *Pornografia infantil na Internet: proliferação e visibilidade*. 2000. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP – São Paulo.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

- LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25(2):59-76, jul./dez. 2000.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, n. 2, p. 464-78, jul./dez., 1995.
- MORAES, Vinícius. *Para uma menina com uma flor*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
- MOTT, Luiz. Cupido na sala de aula: pedofilia e pederastia no Brasil Antigo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (69): 32-9, maio 1989.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SABAT, Ruth. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Luiz Heron (org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- SANT'ANNA, Denise. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25(2):49-58, jul./dez. 2000.
- STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H e outros (org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre, PMPA, 1997. p. 98-145.
- STEINBERG, Shirley ; KINCHELOE, Joe (org.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. In: *Educação & Realidade*, 24(2):75-88, jul./dez. 1999.
- WALKERDINE, Valerie. *Daddy's girl: young girls and popular culture*. Harvard University Press, 1998.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte; Autêntica, 1999. p. 35-82.